

**Moda esportiva e globalização: skate por esporte ou por estilo**

Gabriela Garcez Duarte

**Data da defesa:** 27/08/2009

**Instituição:** Centro Universitário Senac

O *skateboarding*<sup>1</sup> é um esporte de origem norte-americana que passou a ser legitimado como tal na transição da década de 1950 para 60. Assim como outros esportes radicais que surgiram nos EUA nessa época e, especificamente na região da Califórnia – por isso são também chamados de “esportes californianos” – essa prática é marcada pela exaltação da individualidade, ausência de regras e a presença do risco e da aventura<sup>2</sup>. De acordo com tais aspectos e devido ao contexto sócio-cultural do período, seu universo é útil ainda, àqueles que se interessam pela pesquisa dos grupos juvenis que surgiram após a Segunda Guerra Mundial.

O *skatewear* – segmento de moda do esporte em questão – foi essencial para pontuar a história da prática do *skateboarding*. Tratado no segundo capítulo - “Skate por esporte ou por estilo?” – como base para a sua narração, esse segmento mostrou como ele, a mídia e a indústria do entretenimento (campeonatos e eventos) trouxeram reconhecimento aos skatistas como esportistas (1950-60), uma vez que era encarado como brincadeira de criança ou meio de tomar habilidade pelo surfe. Já, na década de 1970, a valorização do estilo de prática do atleta sobre o da performance técnica e o então destaque da personalidade do skatista, alimentou as identidades de algumas marcas de *skatewear* e de produtos relacionados.

Destacou-se ainda nos anos de 1970, o aspecto internacional e de características eminentemente globais do esporte no Brasil via Estados Unidos, devido à importação de termos e reprodução de nomes de marcas e artigos do segmento. Na década seguinte, 1980, foi a exaltação da individualidade, por conta da popularização da prática do *streetskate* ou “skate de rua”, que abriu espaço para a discussão da transculturalidade<sup>3</sup> existente até a atualidade.

O segundo capítulo é o coração da dissertação. Ele é a transformação da paisagem que se mostrou no primeiro capítulo. Porém este, não menos importante, relata a moda esportiva da alta-costura parisiense na década de 1920, cujo sistema centralizado e de elite correspondia aos esportes anglo-saxões<sup>4</sup> que a inspiraram – todavia, voltado aos trajes femininos. Nesse início da dissertação, foi também dado ênfase no desenvolvimento dos hábitos de consumo de moda em meio ao início da modernidade na cidade de São Paulo, então importante centro econômico que tentava seguir os modelos de urbanismo da capital francesa<sup>5</sup>. No capítulo um, a análise passa depois para as décadas de 1930, 40, 50 com a intenção de pontuar como a moda esportiva foi uma das soluções para o período de crise no Ocidente. O “crash” da bolsa de Nova York em 1929 surtiu um efeito negativo em Paris devido à diminuição do consumo de sua moda pelo público norte-americano. Todavia, foi a Segunda Guerra Mundial a principal causa da transformação das vestimentas femininas nesta época. O domínio alemão em parte do território parisiense, iniciado em 1940, fez com que as mulheres se adaptassem ao novo estilo de vida atarefado e passassem a usar roupas mais práticas. A restrição sobre a gasolina também incentivou o uso de bicicletas e trouxe as calças modelo *bloomers* de volta ao universo feminino.

Além da crise, vale ressaltar que após o final da Grande Guerra, nos Estado Unidos financeiramente fortalecidos, o cinema inspirava o lazer e uma moda esportiva sofisticada. No capítulo um é retomado também o contexto cultural e de consumo instigado pela cena juvenil londrina, pela moda de rua, especialmente a *Carnaby Street*, e por uma moda feita em série e mais ousada.

Uma vez que foi o aspecto “plural” da contemporaneidade ocidental o fator instigou toda a pesquisa, ficou difícil manter o foco em apenas um objeto – o *skateboarding* ou o *skatewear*, ou ainda a moda esportiva. Viu-se a necessidade de analisar a diminuição das delimitações sócio-comportamentais e de consumo. Por isso, a partir da globalização como um grande agente transformador comportamental, é levantada a discussão sobre as fronteiras que dividem a esportividade, a moda e o estilo, seguiu-se para a análise sobre o mesmo aspecto “fosco” entre as barreiras do local e do global<sup>6</sup>, da identidade una e de sua fragmentação<sup>7</sup>, da juventude e da maturidade, da moralidade e da amoralidade e, tratando de um recorte científico recorrente, entre as subculturas e a sociedade ocidental<sup>8</sup>.

No entanto, se for possível resumir, a escolha por analisar a moda esportiva desde os tempos de plena modernidade, no primeiro pós-guerra até hoje, pode ser delimitada em duas questões: a exaltação da juvenilidade “interminável” e o seu casamento com a vida na metrópole<sup>9</sup>.

## NOTAS

1. No Brasil este esporte é comumente chamado de “Skate”, porém na pesquisa este termo foi usado para denominar o objeto utilizado para a prática que constitui basicamente uma lâmina de madeira, dois eixos e quatro rodas pequenas. Na dissertação houve a preocupação de deixar claro as nomenclaturas aos leigos. As principais fontes de pesquisa sobre o esporte foram: o vídeo documentário “Dogtwon and Z-Boys”, EUA, 2001; Michael Brooke, 2005; Leonardo Brandão (dissertação de mestrado), 2006 e Dirk Vogel, 2008.

2. Pociello, Christian. Sports e Sciences Sociales, Paris: Vigot, 1999.

3. Canevacci, Massimo. Culturas eXtremas – Mutações juvenis nos corpos das metrópoles, Rio de Janeiro: DP7A, 2005.

4. Bourdieu, Pierre. Questões de sociologia, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983

Elias, Norbert / Dunning, Eric. Deporte y ocio – en el proceso de la civilizacion, Madrid, México e Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1991.

5. Veillon, Dominique. Moda & Guerra – um retrato da França ocupada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

6. Ortiz, Renato. Mundialização e cultura, São Paulo: Brasiliense, 1994.

7. Hall, Stuart. A identidade na pós-modernidade, Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

Featherstone, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo, São Paulo: Studio Nobel, 1987.

8. Abramo, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e os darks no espetáculo urbano, São Paulo: Scritta, 1994      Regina da Costa, Márcia. Os Carecas do Subúrbio, São Paulo: Musa, 2000.

Trataram

9. Canevacci, Massimo. Culturas eXtremas – Mutações juvenis nos corpos das metrópoles, Rio de Janeiro: DP7A, 2005.

Wilson, Elizabeth. Enfeitada de sonhos, Lisboa: Edições 70, 1987.